



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS XIV
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Maria Jaciane Ferreira Guimarães

Festa dos negros em Araci (1987-2011)

Conceição do Coité, Ba.
2011

Maria Jaciane Ferreira Guimarães

Festa dos Negros em Araci (1987 – 2011)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História do Departamento de Educação do Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), para obtenção do grau de Graduação em Licenciatura em História, sob orientação da Profa. Ms. Adriana Boudoux.

Conceição do Coité, Ba.
2011

Festa dos negros em Araci (1987-2011)

Maria Jaciane Ferreira Guimarães

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História do Departamento de Educação do Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, para obtenção do grau de Graduação de Licenciatura em História. Com a seguinte banca examinadora:

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a Adriana Silva Teles Boudoux- Mestre em Literatura e Diversidade Cultural; Professora da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus XIV.

Prof. Antonio Vilas Boas - Especialista em Metodologia do Ensino Superior e Mestre em Educação; Professor da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus XIV.

Professora Rute...

Conceição do Coité, Ba.
2011

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que, direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho.

A professora Adriana Silva Teles Boudoux pela orientação cuidadosa, paciência e disponibilidade para ajudar. Suas intervenções foram fundamentais para o término desse trabalho. Agradeço também a professora Cláudia Vasconcelos pelas orientações iniciais.

A minha mãe Raimunda, a quem dedico este trabalho.

Agradecimentos especialíssimos pelos incentivos e apoios iniciais: à minha irmã Juciara, ao amigo Junior pela atenção, e Moab pelo auxílio, carinho e paciência.

As amigas e companheiras de graduação, Edimária, Girleide, Mahyse, Tânia e Vera. Obrigada pelas demonstrações de que as relações ainda se baseiam em trocas respeitadas e de crescimento mútuos. Apreços também a Batista e Jardan pelo carinho e amizade.

Ao meu esposo Wasley Moreira pelo apoio e ajuda nos momentos finais do curso.

Aos aracienses que contribuíram para a realização deste trabalho, fornecendo fontes e informações indispensáveis. Grata pela colaboração e disponibilidade de todos: Cobeu, Luiz Santana, Carlos Mota e Ana Nery.

As tradições, afinal como todos os elementos da cultura, são parte dos repertórios gestuais e simbólicos disponibilizados para diferentes sujeitos pelo hábito e pelas linguagens conhecidas. Elas se traduzem a cada momento, adquirindo significados novos em diferentes temporalidades, situações, lugares e dependendo de quem as mobilize para expressar seus próprios valores.

Maria Clementina Pereira

RESUMO

Este trabalho analisa algumas concepções e representações relativas à Festa dos Negros no Município de Araci de 1987 a 2011. Para tanto, propõe o estudo de alguns discursos referentes ao evento em questão, e através destes estabelece diálogos e análises com outras produções historiográficas relativas ao campo cultural e festas negras. Por meio do olhar da História sociocultural interpreta as percepções de atores ligados a Festa. Do mesmo modo, analisa alguns padrões no qual está assentada a sociedade araciense. As fontes documentais utilizadas para tal empreendimento foram: entrevistas orais, jornais, cartazes, vídeos, letras de músicas e registros fotográficos.

Palavras-chave: Araci; festas; negro; identidade.

ABSTRACT

This research analyzes some conceptions and depiction about African ancestry people that take place in a party called 'Niggers' Party' in Araci since 1987s up to 2011. To do so, it proposes studies of some discourses that refer to this event, and these discourses establish dialogs by the analyzes of others historiographies that relate to cultural aspects of African ancestry people's parties. By the regard of socio-cultural history, it shows how authors, which are involved in researches about this kind of parties, perceive it. In the same way, it analyzes some patterns where araciense society lies upon. The documentary sources used for this project were from: interviews, newspapers, posters, videos, songs and photographs.

Word-keys: Araci; parties; nigger; identity.

LISTA DE FIGURAS

Foto 1: Cartaz de Divulgação da Festa Tradicional dos Negros em 2008.....	44
Foto 2: Cartaz de Divulgação da Festa Tradicional dos Negros em 2007.....	45
Foto 3: Cartaz de Divulgação da 24° Festa dos Negros em 2011.....	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - FESTIVIDADES: PALCO DA HISTÓRIA E CULTURA NEGRA.....	14
1.1 História sociocultural e as festas: um campo simbólico	14
1.2 História de Araci e a presença negra na região.....	18
1.3 Festas e abolição: A memória sobre o 13 de maio.....	22
CAPÍTULO 2 - FESTA DOS NEGROS: CONCEPÇÕES E SENTIDOS.....	35
2.1 A representação de Tinteiro e identidade negra.....	35
2.2 A leitura dos jornais.....	47
2.3 O olhar oficial e o extra-oficial.....	49
Considerações finais.....	53
Lista de fontes utilizadas.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56

INTRODUÇÃO

A festa como objeto de estudo na historiografia começou a ocupar espaço entre os historiadores no Brasil a partir de 1970, com os desdobramentos da História Cultural, que ampliou suas linhas temáticas, dando visibilidade a grupos até então marginalizados no contexto da história oficial.

O campo de estudo das festas populares é permeado de possibilidades, interpretações e questionamentos, pois os festejos podem se constituir um lugar de conflito e transgressão das normas do poder, válvula de escape para as tensões e conflitos, afrouxar os rigores de uma sociedade estruturada e infundir seus valores. No entanto pode ser também um momento ideal para aqueles que vivenciam um sentimento de confraternização e igualdade entre todos.

Os festejos são então vistos pela historiografia como um lugar privilegiado para se entender a existência e os múltiplos significados que dela provém. E as manifestações populares oferecem acesso às experiências cotidianas de segmentos da população por muito tempo silenciado, e que não tinham outra forma de expressão a não ser por parte da cultura.

Dentro deste aspecto, a Festa dos Negros em Araci acontece desde 1987, sempre no mês de maio, em comemoração a abolição da escravatura em 1888. Idealizada por Joaquim Cruz, sanfoneiro negro conhecido no Município como Tinteiro. A partir da data de criação a Festa acontece continuamente no Mercado Municipal, local onde Tinteiro e seu grupo de sanfoneiros denominados na época de *Diabos loiros* já tocavam nos bares ao redor. De início o evento era realizado com recursos do próprio organizador e amigos comerciantes, hoje o poder municipal patrocina a Festa que é considerada pela comunidade local como tradicional e popular.

A escolha desse tema se dá, por ser a Festa dos Negros em Araci um evento no qual a população comparece significativamente, principalmente as pessoas marginalizadas da sociedade araciense, contudo, a mesma tem um público heterogêneo. Do mesmo modo, o objeto de estudo constitui em Araci um alvo de discussões e preocupações, pois alguns setores da sociedade não a ver como um evento aglutinador de sentido, sendo apenas mais um espaço para a curtição.

Além do mais, a memória histórica do Município está centrada nos feitos da família fundadora branca e de seus descendentes, existindo uma lacuna sobre a atuação de outros grupos na história local. Sendo assim, este trabalho tem por objetivo investigar os significados e representações que contêm a Festa dos Negros para o Município de Araci. Em outras palavras,

analisar a Festa tanto do ponto de vista da atividade lúdica, como também um acontecimento aglutinador da realidade. Para tanto, busca se levar em consideração o contexto e as relações sociais em que se inicia a Festa e os desdobramentos da mesma.

Objetiva-se também demonstrar que os estudos das manifestações culturais permitem ainda o conhecimento de alguns aspectos da história local, como por exemplo, as diferentes relações sociais existentes, os aspectos relacionados à estrutura social e às hierarquias, assim como os conflitos subentendidos durante os festejos.

Para tanto, este trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo, há uma discussão teórica sobre a maneira que a História cultural ampliou as áreas de domínios da História, possibilitando que as festas tornassem-se objetos de estudos, através das quais a sociedade é delineada pelo viés sociocultural. Percorre-se pontualmente o registro historiográfico do desenvolvimento da cidade de Araci, mostrando a configuração que a presença negra foi concebida no Município e na região. O passeio pela narrativa da história local busca chamar a atenção para a atuação dos negros e seus descendentes na comunidade, objetivando apreender o significado da Festa no contexto do lugar. Ainda nesse capítulo há uma discussão relativa à disputa pela memória do 13 de maio, para tanto algumas obras historiográficas, as quais discutem o papel exercido pelas festas nesta data, bem como em outras, são utilizadas acrescentando uma visão maior sobre a forma que os espaços culturais foram palcos de disputas e afirmações, uma brecha em que os grupos marginalizados concebiam e se apropriavam imprimido nelas suas impressões.

No segundo capítulo, há uma análise do objeto de estudo mais aprofundado. Neste sentido, procura-se fazer uma discussão sobre como os espaços culturais, propiciaram aos grupos não privilegiados se inserirem na sociedade imprimindo através da cultura suas concepções, que por outras vias talvez não fosse possível. Portanto, neste capítulo as concepções, representações e identidades acerca da Festa serão analisadas de forma mais detida. As visões da comunidade por meio da perspectiva oficial, extra-oficial e dos jornais serão elucidadas. O objetivo é compreender e evidenciar as variadas versões que os grupos sociais atribuem ao evento, na tentativa de captar os significados contidos no mesmo.

O caminho percorrido pela pesquisa teve seu desenvolvimento através do contato com as diferentes fontes e também com o aprofundamento do estudo da historiografia relacionada a festas em comemoração a abolição da escravatura. Os contatos iniciais fizeram surgir novos

questionamentos que impulsionaram a pesquisa por outros caminhos até então não avaliados, e que por este motivo levou a busca de novas fontes e informações, que se tornaram fundamentais para entender o objeto de estudo.

A metodologia utilizada seguiu do mesmo modo, o recurso comparativo com outras obras de festividades principalmente negras do período republicano, na intenção de entender os conflitos e significados das festas realizadas naquele momento, e apontar as contradições e possíveis permanências presentes na Festa dos Negros em Araci.

Assim, as fontes utilizadas no processo de pesquisa da Festa dos Negros tiveram como ponto de partida os depoimentos orais, os quais acentuaram a importância e significados da Festa servindo também para traçar as trajetórias históricas tanto da Festa, como da cidade e da presença negra local. Elas forneceram relevantes indícios sobre as experiências e alguns aspectos da comunidade. Os registros fotográficos, audiovisuais, letras de musicais, cartazes produzidos pela Secretária da cultura, como também reportagens jornalísticas foram de grande utilidade para a compreensão dos aspectos simbólicos, servindo também para contrapor alguns pontos surgidos a partir das entrevistas e ainda contribuíram igualmente na visualização da estrutura e organização do evento.

Por fim, as análises das fontes ofereceram pistas relativas aos significados e concepções atribuídos à Festa por alguns setores ligados a ela na comunidade, contribuindo assim de distintas formas para a composição do presente trabalho.

CAPÍTULO 1 – FESTIVIDADES: PALCO DA HISTÓRIA E CULTURA NEGRA

1.1 História sociocultural e as festas: um campo simbólico

A festa tornou-se um dos temas que tem se avigorado no espaço dos estudos históricos. Este tema tem sua atração por as festividades parecer à primeira vista uma interrupção relativa ao cotidiano, a rotina por outro lado, possui também a capacidade de mostrar os padrões da sociedade as quais acontecem. Raquel Soihet (2002), falando sobre as possibilidades do campo festivo para o historiador ressalta:

[...] A complexidade dessa forma de expressão de grande riqueza para o descortínio de atitudes, valores e comportamentos dos diversos grupos sociais, possibilitando ao historiador alcançar significados sociais, por vezes inacessíveis através de outros caminhos.

A festa se constituiria, portanto, num maravilhoso campo de observação para o historiador. [...] Ou ainda, a festa possivelmente se constitui no “elemento fundamental da vida coletiva, porque exprime com marcante intensidade as dimensões dos papéis sociais e o conforto dos símbolos que eles significam. (SOIHET, 2002, p.364)

O estudo das festividades como um meio possível de perceber os padrões e conflitos de uma sociedade se constitui como uma brecha proporcionada pelo surgimento da História social e cultural inglesa e francesa no transcurso da segunda metade do século XX. As quais ampliaram o conceito de fontes multiplicando os objetos de pesquisa oferecendo uma abordagem às práticas dos grupos considerados marginais pela história oficial.

Roberto Darnton (1990) coloca que a História social ampliou os campos de investigação da História proporcionando um olhar para o passado mais crítico. Neste contexto os historiadores sociais:

Acorreram não para [...] reconstruir um passado único, mas para cavar em diversas direções. História Negra, História Urbana, História do Trabalho, História das Mulheres, [...] abriram-se tantas linhas de investigação que a história social parecia dominar a pesquisa em todas as frentes. (DARNTON, 1990, p.177)

Nos últimos anos a História social passou por mudanças, resultado do interesse de historiadores como, E.P. Thompson, Roger Chartier e Jacques Ravel pela cultura. Roger Chartier (1988) ressalta em seu livro *A história cultural: entre praticas e representações*, que “a historia cultural tem como seu principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada e dada.” (CHARTIER, 1988, p16-17)

A História cultural é caracterizada como uma narrativa que dá ênfase à dimensão da experiência humana em detrimento da análise da base estrutural. A mesma também é distinguida pelos diálogos que mantém com outras disciplinas principalmente a antropologia, uma auxiliar na busca por significados.

Neste sentido a cultura popular tem chamado a atenção dos historiadores culturalistas e assuntos como mitos, festas, danças, tem sido presentes no campo de pesquisa. A História social e a História cultural problematizam os objetos de pesquisa.

A cultura popular é caracterizada pelas práticas culturais ligadas ao povo, às classes dominadas, representa ainda o conhecimento que o povo produz ou participa. Porém existem inúmeras abordagens e maneiras na historiografia de compreensão da cultura popular.

Autores como Peter Burke, Carlo Ginzburg, Mikhail Bakhtin, e Roger Chartier variam quanto às perspectivas e definições do que seria a cultura popular. Entretanto, é comum em todos eles a observação de que é delicada e arriscada a tarefa de definir o conceito de cultura popular.

Peter Burke (1989), em seu livro *Cultura Popular na Idade Moderna*, apresenta toda a complexidade do termo "cultura popular", que ele define num primeiro momento como sendo as práticas não oficiais, ou seja, as práticas das classes subalternas. A este respeito, Burke entende que esse conceito está em função da hierarquização da sociedade em classes. Portanto, a cultura popular seria como uma cultura não oficial das classes subalternas, enquanto que a cultura oficial pertenceria à elite.

Carlo Ginzburg (1987) na introdução do *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*, coloca que a cultura não é estanque nem estática. Ao contrário, esta teria o caráter dinâmico e possuindo a faculdade de circular entre os setores da

sociedade. O conceito de circularidade, em suma, diz respeito à constante permeabilidade cultural dentro da sociedade hierarquizada.

O conceito de circularidade cultural colocado por Carlo Ginzburg (1987) constitui-se em um conceito relevante para o estudo das festas já que estas representam um espaço de entrecruzamentos culturais, sociais e simbólicos. Mônica Velloso (1990) falando sobre a circularidade cultural presente na casa da Tia Ciata no Rio de Janeiro diz:

A casa da Tia Ciata denota bem a questão da circularidade cultural [...], atraindo intelectuais e elementos da classe média carioca. Geralmente eram carnavalescos da Zona Sul que iam encomendar fantasias e acabavam ficando para o pagode. Também por essa época, o candomblé e o jogo de búzios começavam a exercer certo fascínio entre a alta sociedade através do samba, do carnaval e da culinária a cultura negra foi ganhando espaços no conjunto da sociedade, fazendo-se aceita. Os códigos culturais começaram a se entrecruzar, mesmo que de forma precária. Geralmente, o centro irradiador dessa cultura era a casa das tias ou terreiros. (VELLOSO, 1990, p.216)

A História sociocultural influenciou e continua influenciando muitas produções historiográficas no Brasil com relação aos fundamentos teóricos, conceituais, temáticos e metodológicos. Inclusive no que diz respeito às festas.

Em sua maioria, as produções que trazem as folias como objeto de pesquisa acarretam sobre elas o mesmo entendimento explicitado por Maria Clementina (2002) sobre as mesmas, direcionando o olhar para as identidades múltiplas, para os diálogos sociais existentes nas mesmas.

[...] Ao escrever, todos olhamos para as festas em busca dos sujeitos, das tensões, da constituição de relações privilegiadas e das formas pelas quais, nestas ocasiões privilegiadas em que se costuma encenar um risonho conagração, processa-se um diálogo social tenso e intenso. Perseguiamos Também as identidades múltiplas e cambiantes que se estabelecem entre os seus participantes e procuramos focar nossas lentes no detalhe, na especificidade e naquilo que é capaz de diferenciar uma festa da outra e dissociar um festeiro do outro em uma mesma celebração. (CLEMENTINA, 2002, p.17)

Todos os estudos citados no presente trabalho são de grande relevância para a historiografia brasileira por tomarem um evento lúdico como as festas e através das mesmas

fazerem uma análise histórica da sociedade na qual acontecem. Sendo que o mesmo tema seria para a historiografia tradicional um objeto de estudo irrelevante por não considerar as festas como expressões de negociações em curso na sociedade. Contudo, como demonstram os estudos citados as festas têm fascínio justamente por revelar os valores e padrões da sociedade na qual acontecem de maneira por vezes sutil ou escancarada.

Estas obras têm enriquecido significativamente a produção historiográfica brasileira que nos últimos anos tem avançado em diversas direções para a melhor compreensão da sociedade contribuindo em revelar os sujeitos, significados, conflitos, e tensões que por outro caminho, talvez não aparecessem.

Na maioria dos presentes estudos a cultura popular não se encontra como uma cultura dominada, subjugada pela cultura dominante, mas sim como entende Marilena Chauí (1978), como uma manifestação dos excluídos da história, como práticas de valores e reelaborações das práticas cotidianas de certos segmentos da sociedade.

O entendimento de cultura e de festa trazidos por esses estudos permitem apreender os sujeitos envolvidos como agentes da sua própria história, além de ser possível entrever os valores e modelos da sociedade na qual tais manifestações acontecem.

Contudo, a cultura popular é diversa e única munindo cada localidade de peculiaridades próprias e é essa diversidade que a torna instigante. Os estudos citados neste trabalho, apesar de darem uma grande contribuição para a historiografia brasileira são limitados para o presente estudo, pois a maioria concentra suas análises no litoral do país tendo o interior uma carência de estudos nesse sentido. Logo, por este caráter limita em termos de contribuição o foco dessa pesquisa, já que a mesma encerra-se no interior possuindo com certeza peculiaridades e diversidades distintas das festividades analisadas pelos autores citados. Uma vez que é pretensão deste trabalho estudar também as especificidades próprias da Festa dos Negros em Araci.

Não obstante, apesar de poucos existem alguns estudos sobre festas no interior baiano como a exemplo do estudo realizado por Adriana Silva Teles Boudoux (2000) analisando a presença dos negros na festa da padroeira em Feira de Santana. Entretanto estudos trazendo a temática negra ainda representam uma grande lacuna em termos de análise de festas interioranas.

1.2 História de Araci e a presença negra na região

Para compreendermos a Festa dos Negros de Araci é necessário adentrarmos na história local no intuito de visualizar a inserção do negro neste universo. Segundo fontes oficiais do IBGE, memorialistas locais¹, como também o livro de Maura Mota Carvalho (1985) *Historia de Araci de 1812 a 1956*. Araci foi fundada por José Ferreira de Carvalho em 1812, o lugar era conhecido como Vila do Raso. Posteriormente, em 1904 o então Intendente Antonio Oliveira Mota substituiu o nome Raso, que segundo ele “foi dado quando a mesma era uma fazenda de criar gado”(LIMA, 1985, pg.62) por Araci.

Oriunda da língua Tupi a palavra Araci, significa “Mãe do Dia” o que segundo o mesmo Intendente Antonio Oliveira Mota “combinava com o atual progresso da cidade.” Antes da emancipação Araci pertenceu a cidade de Serrinha. Localiza-se a aproximadamente a 210 quilômetros de Salvador, sua área territorial é de em torno 1530 km².

O Município com a denominação de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso foi elevado à condição de Vila e teve suas terras desmembradas do município de Tucano em 13 de dezembro de 1890 pelo o desenvolvimento conquistado na agropecuária e no comércio, mas continuou a fazer parte da Comarca de Serrinha.

A Vila do Raso então teve como seu primeiro intendente o Pe. Julio Fiorentini e como Secretário da Intendência foi nomeado o Tenente Amerino de Oliveira Lima.

Em 1904 muda o nome para Araci através da Lei Estadual nº 575, de 21 de Novembro, mas foi extinto e anexado ao município de Serrinha em 8 de julho de 1931 após decair em seus trabalhos sustentáveis tendo sido criada uma subprefeitura. Já na divisão administrativa de 1933 Araci figurou como distrito de Tucano, voltando a ser distrito de Serrinha em 1938.

Em 14 de novembro de 1956 foi desmembrado de Serrinha pela Lei Estadual nº 863, quando foi criado um só município após intensas disputas políticas, voltando a ser elevada à categoria de cidade separando-se novamente de Serrinha. Situação que permanece.

Conforme informações do (IBGE 2010) a cidade de Araci possui 51.713 habitantes, está localizada no semi-árido baiano integrando a região conhecida como sisaleira, faz fronteira com

¹ Entrevista com Carlos Mota, em 12 de maio de 2011. Memorialista oral da cidade 87 anos.

os municípios de: Teofilândia, Conceição do Coité, Tucano, Santa Luz, Cansanção, Barrocas, Nova Soure, Biritinga e Quijingue. A região não possui um bom índice de desenvolvimento social e econômico, o que é uma característica de toda a região.

Assim como a memória histórica brasileira oficial esteve por muito tempo centrado nos grandes acontecimentos políticos e nos homens brancos, também a memória histórica oficial de Araci assenta-se no pioneirismo desbravador do Capitão José Ferreira de Carvalho e sua família em 1812 ano de sua fundação. Desde então a história local circunda a descendência dessa família tradicional. No caminho da História brasileira que ao longo do tempo ocultou através do silêncio e negou a atuação de outros grupos na construção da memória do país, em Araci prevalecera majoritariamente o silêncio e a negação de outros grupos à margem da família de seu fundador.

Esse aspecto é percebido no livro de Maura Mota de Carvalho Lima (1985), obra historiográfica do Município, nesta a autora concentra sua narração ao falar da história local na árvore genealógica da família fundadora, na vida religiosa católica e na parte administrativa política, mas ao mencionar a presença de negros e escravos na fundação da cidade, o faz apenas de modo superficial, ficando inexistente este aspecto nos desdobramentos posteriores da história local em termos de história oficial escrita.

Como toda obra memorialista o livro de Maura Mota de Carvalho Lima (1985) *Historia de Araci de 1812 a 1956*, centra-se nos feitos da família tradicional local fazendo raríssimas alusões a outros grupos que povoaram e construíram a localidade. Contudo, esta menciona que junto com o fundador da cidade, o Capitão José Ferreira, “vieram em sua companhia grande numero de escravos, adquirido segundo a lei da época”. (LIMA, 1985, pg.15) Em outra passagem a autora menciona um escravo de nome Rufino, segundo a autora este deu origem ao nome de um atual distrito do Município, por o mesmo escravo ter encontrado no período inicial da fundação uma lagoa importante no provimento de água, batizada com o nome do seu descobridor Rufino e mais tarde ao desenvolver em torno desta uma comunidade manteve-se a homenagem.

Entretanto, por focalizar sua obra na família tradicional a autora não fornece nenhum outro detalhe da atuação e seguimento desses escravos na vida de Araci após a abolição. E sendo esta a obra “histórica” mais importante da cidade e pela ausência de outras, pouco se sabe de concreto a respeito dessa linhagem, embora possa ser visível essa presença física na comunidade.

Do mesmo modo, Ana Nery (2009) no livro também memorialista, *História de Araci em quadrinhos*, que é um pequeno desmembramento do livro de Maura Mota dá uma maior

visibilidade à presença escrava no Município. Sua análise foca na harmonia entre os escravos e o seu senhor Capitão José Ferreira de Carvalho, ressaltando que este agia de maneira benevolente para com seus escravos.

Em contrapartida às informações contidas nas obras memorialistas referentes aos desdobramentos e atuação do negro em Araci, na memória de antigos moradores locais o desenvolvimento e procedência dessa raiz, encontra-se mais presente e, além disso, fornece maiores detalhes de como se deram as relações sociais depois da abolição na comunidade.

Discorrendo sobre a atuação dos negros no Município Carlos Mota afirma que os mesmos continuaram a viver na comunidade após a abolição desempenhando funções na comunidade, mantendo suas tradições festivas como, “O boi de janeiro ou Festa de Reis”, festividade na qual segundo Carlos Mota os mesmos, “começavam a festejar na rua dos negros com batuques e versos que em alguns momentos incomodavam as autoridades locais pelas arrelias e afrontamentos”.²

Carlos Mota cita versos de sambas cantados na ocasião do festejo “O boi de Janeiro” nas décadas de 1940-1950 por descendentes de ex-escravos, que segundo ele remontava ao período escravista e pós-abolição. Mota cita versos que evidenciam a presença negra no Município como também as relações estabelecidas no mesmo. Diz ele: “Tinha uma neguinha chamada Onofra, dançava como o diabo e cantava versos assim”:

Mandei um bilhete
Pra dona Dudu
Que mandasse o dinheiro
Da tripa do cú.

Carlos Mota cita outro:

Ai meu tempo,
Quando pulava barroca e
Não caia dentro.

Por esses versos de samba pode se ter uma idéia de como se dera a atuação negra na comunidade, além de evidenciar as relações entre os diferentes grupos que compunham a

² Entrevista com Carlos Mota 87 anos, em 12 de maio de 2011. Morador e memorialista oral da cidade.

sociedade. Por meio desses versos nota-se ainda que estas relações não se deram de forma tão harmoniosa como é colocada pelas escritoras memorialistas e alguns trabalhos historiográficos quando abordam as relações escravas no interior.

Em virtude da ausência de trabalhos científicos no Município de Araci relacionados à presença negra, serão tomados alguns estudos que abordam a presença negra na região referentes aos municípios de Serrinha e Conceição do Coité, em virtude dos mesmos localizarem-se na região Sisaleira conhecida na primeira parte do século XX como Região dos Tocós.

Em sua dissertação de mestrado; *Nossa Senhora da Conceição do Coité: poder e política no século XIX*, Iara Nancy Rios de Araujo (2003) busca identificar a composição de um grupo dominante na freguesia de Conceição do Coité. Segundo a autora, este grupo desempenhava atividades variadas na Freguesia, atuando enquanto eleitores, tabeliães, negociantes, senhores de terras e escravos, além de serem detentores de patentes. Araujo propõe igualmente em seu trabalho uma discussão sobre as relações e conflitos escravistas durante o século XIX nesta região.

A autora questionando sobre o silêncio na cidade de Conceição do Coité a respeito do passado escravo pretende dar visibilidade a esses atores silenciados da História. Contudo, esta não cumpre efetivamente essa pretensão no trabalho, já que traz em suas páginas uma análise harmônica da sociedade estudada, ficando os conflitos silenciados. Foca sua análise nos grandes proprietários e detentores de patentes, talvez, porque seja este o principal objetivo de seu estudo, porém traz alguns dados importantes relativos à presença e as relações escravistas na região, sem mencionar os conflitos.

Em *Caminhos da Liberdade; a escravidão em Serrinha- Bahia (1868-1888)*, dissertação de mestrado de Ana Paula Carvalho Trabuco Lacerda (2008) a autora procura analisar algumas das experiências de vida dos escravos no sertão da Bahia, mais precisamente na cidade de Serrinha, Sertão dos Tocós nos últimos anos do sistema escravista (1868-1888). Segundo Lacerda em fins do século XIX, Serrinha era caracterizada pela pequena propriedade de terra e economia baseada na policultura. A terra era bastante castigada pelos períodos de seca e em conseqüência a população sofria com a redução e a falta de abastecimento dos produtos de primeiras necessidades.

Nesse contexto, os escravos conviviam com o trabalho livre e familiar lutando a partir de suas possibilidades por uma vida mais digna, seja através da busca pela alforria muitas vezes

possibilitada pela formação do pecúlio, ou simplesmente pela constituição de laços familiares e de compadrio. A autora procura mostrar que muitos dos cativos em Serrinha procuraram viver de acordo com suas perspectivas através de estratégias e negociações cotidianas que resultaram ao menos para alguns em vitórias. Com o trabalho de Lacerda seguindo as trajetórias de vida de alguns cativos é possível ter uma visão mais ampla de como se deram as relações, negociações e conflitos escravistas nesta região.

Por Araci ainda carecer de trabalhos científicos com o caráter de rastreamento das experiências de vida dos escravos e seus descendentes, não foi possível ter melhor visibilidade de como se deram as relações escravistas no Município de forma mais próxima, como o vislumbrado pelos trabalhos descritos. Porém, é inegável a sua presença na história do município de Araci. A Festa aqui proposta para estudo revela este fato.

1.3 Festas e abolição: A memória sobre o 13 de maio

As comemorações em homenagem a abolição da escravatura não são recentes, pois não são eventos desencadeados pela onda de valorização da cultura negra. Conforme Walter Fraga (2006) a população negra comemorou com intensidade os dias antecipados à aprovação da Lei Áurea como também os dias posteriores, inclusive tornando a data em uma comemoração tradicional, a exemplo do Bembé no Mercado que de acordo Wlamyra de Albuquerque (2009) teve início neste período.

Alguns estudos como o de Mateus Serva Pereira (2010); *As Festas negras pela Abolição. Sambas, batuques e jongos no 13 de maio (1888-1898)*, ressaltam que nos dias anteriores a abolição a população das cidades brasileiras, “invadiu as ruas com passeatas, marchas, fogos e todos os demais tipos de regozijos pela aprovação da Lei que abolia a escravidão no Brasil” (PEREIRA 2010,p.3). Fraga (2006), do mesmo modo faz um rico estudo de como essas comemorações foram intensas neste período, mostrando como as mesmas inspiraram temores nas classes dirigentes, apresenta ainda os interesses dos projetos políticos em silenciar tais eventos. Fato que explicaria a quase ausência de notificações de festas realizadas nesse sentido, em termos

de comemoração nacional e, mais ainda no plano oficial que fora reduzida a uma data comemorativa folclórica.

A historiografia atual tem contribuído para demonstrar os diversos sentidos contidos nas festividades bem como suas ocorrências em diversos tempos e lugares. Tratando especificamente de festejos em comemoração a abolição da escravatura, Walter Fraga (2006) coloca que precisamente nos primeiros anos da República houve um empenho por parte dos seus membros em esvaziar ou aplacar na memória popular, e, em tais comemorações o passado escravo. Segundo Fraga, esse empenho estava ligado à tentativa de apagar o grande feito da Monarquia e enterrar os conflitos surgidos naquela luta:

Isso talvez explique por que os governos republicanos buscaram esvaziar os significados dos festejos do 13 de Maio, pelo menos no plano oficial. No final da década de 1890, o festejo, havia perdido muito brilho dos primeiros anos. Havia motivações políticas para que se tentasse relegar ao esquecimento aquela data e os acontecimentos que culminaram na abolição. Uma delas tinha obvia intenção de censurar algo que era identificado como a grande realização da monarquia. A outra, talvez mais velada, tinha como objetivo silenciar conflitos e sepultar esperanças nascidas no âmbito mesmo das lutas contra escravidão e pela cidadania. (FRAGA, 2006, p.356)

Esse amedrontamento do Governo Republicano em relação às festas comemorativas à abolição realizadas por negros não era algo vazio. Wlamyra Albuquerque (2009) trata de como no imaginário popular a assinatura da Lei Áurea despontava como uma “dádiva da Monarquia, um gesto de bondade da Princesa Isabel.” (ALBURQUERQUE, 2009, pg. 154.)

Esta visão do povo, de modo especial dos egressos da escravidão em atribuir à Monarquia na pessoa da Princesa Isabel a responsabilidade única pela aprovação da Lei Áurea nos períodos pós-abolição e recém republicano, atribuída por abolicionistas e republicanos à ignorância, despreparo cívico e ao estado de infância mental dos recém libertos, que de acordo com os republicanos facilitaria a manipulação política de monarquistas, são tratados e desconstruídos em trabalhos de alguns historiadores. Esses trabalhos contribuem para mostrar que a hostilidade do povo e precisamente dos negros à República não foi mera ausência de conhecimento.

Nas obras como *Os Bestializados* (1987) de José Murilo de Carvalho e *Visões da Liberdade* (1995) de Sidney Chalhoub (2003) são tratados os diversos motivos que apontam a

impopularidade da República entre as classes populares. Através destes trabalhos chega-se quase a um acordo na historiografia de que a Monarquia no Brasil, precisamente nos seus últimos anos, usufruía de grande defesa popular, como ressaltou Jose Murilo “A monarquia caiu quando alcançou o ponto mais alto de simpatia entre o povo” (CARVALHO, 1987, 29). Além disso, varias revoltas e eventos tais como a *Revolta da Vacina*, *Guerra de Canudos*, e os combates da *Guarda Negra*, mostram o apoio do povo à Monarquia e a adoração á Princesa Isabel.

Com a mesma configuração Wlamyra de Albuquerque (2009) discute o episódio da chegada de Silva Jardim a Salvador para propagar a campanha republicana deparando-se o mesmo com a resistência de um grupo composto por negros, a Guarda- Negra. De acordo com Antonio Sergio Alfredo Guimarães (2010), a Guarda Negra foi criada em 1888 por ex-abolicionistas monarquistas, composta por membros em geral angariados entre ex-escravos e libertos com o objetivo claro de defender a liberdade recém conquistada. No decorrer de sua narrativa, Albuquerque deixa claro que a reação de antipatia dos negros à República não era algo infundado, pois os mesmos viam no ataque ao Império uma reversão em sua situação recém conquistada, diz Albuquerque:

Além, disso, o medo da revogação da “lei de ouro” fazia parte dos pesadelos de uma população já habituada a vivenciar situações em que a perda da liberdade podia ser apenas uma questão de habilidade jurídica ou força de antigos ou pretensos senhores. (ALBURQUERQUE, 2009, p.164)

Não obstante, a República com seu objetivo colonizador civilizatório, nos moldes europeus e norteados pela ciência, findavam para o povo sentido de igualdade legal para todos. Como discute Carvalho (1987), em seu curso autoritário e antipopular a República tentou moldar a nação de acordo aos ideais iluministas domando à força a plebe urbana e rural, fato que eclodiu em revoltas como a da *Vacina e Canudos*. Este caráter republicano reforçou ainda mais o repúdio popular à República que por meio de seus ideais, percebia no povo uma sub-raça a ser moldada para a civilização. Dessa forma, havia razões reais para que grupos populares e negros militassem em favor da Monarquia. De acordo com Hebe Mattos (1998) esses grupos também apoiavam o regime monárquico por este tender, em sua legislação a transformar o costume em lei tornando antigos privilégios em direitos comuns a todos.

Além disso, alguns estudos como o de João Reis (1995), chamam atenção para a analogia de governo da cultura africana e da Monarquia, em ambos os casos os reis possuem uma origem

divina. Todas essas considerações contribuíram para justificar a aproximação das camadas populares e dos negros à Monarquia e o conseqüente repúdio à República.

Discutindo sobre a representação da Princesa Isabel como redentora dos escravos, Ana Rita Araújo Machado (2009), em sua dissertação de mestrado *Bembé Do Largo Do Mercado: Memória Sobre O 13 De Maio*, coloca que essa representação foi um investimento político articulado, no intuito de deslocar a participação dos ex-escravos na luta pela liberdade. Segundo Machado (2009), os jornais que circulavam na cidade de Santo Amaro no período pós-abolição como também em Salvador vinculavam nos escritos jornalísticos tais concepções:

Portanto os textos jornalísticos apresentaram o 13 de maio como à data marco da soberania nacional, cuja amplitude deste significado era a inserção do Brasil entre as nações civilizadas. Ressaltava a abolição como ato sublime da Princesa Isabel. (MACHADO, 2009)

Essa memória social em torno da comemoração do 13 de maio de um sentido cristão e fraternal da Princesa Isabel sobrevive na memória popular em Araci. Visto que segundo Cobeu, a Festa dos Negros constitui-se “também em uma homenagem a Princesa Isabel, porque ela libertou os escravos.” Esta mesma concepção aparece na letra da música composta em 1988³, pelo próprio Cobeu, o qual atribui à ação da Princesa Isabel a libertação dos escravos, dirigindo a esta elogios e louvores. Passando efetivamente todo o caráter de dádiva que se apresentou à assinatura da Lei Áurea e se perpetuou na memória social através de diferentes mecanismos.

Princesa Isabel
13 de maio Araci está em festa
Está em festa e vamos comemorar
Esse evento nunca pode acabar
Você que dança, você curti, você brinca
Você mesmo pode tirar o chapéu
E bote a mão pra cima e dê louvor a Princesa Isabel
Princesa Isabel aonde quer que você
Esteja receba o elogio de toda raça negra.

³ Entrevista concedida 12.03. 2011, por Cobeu, organizador da Festa dos Negros. Assim como a letra da música composta pelo próprio em 1988.

Além dos jornais, vários outros veículos de discursos contribuíram para a construção e permanência dessa memória social, extraindo da historiografia brasileira a atuação da população de cor no processo de abolição. Nessa perspectiva Ana Rita Machado (2009) analisa o Bembé do Mercado não somente como uma festa de dimensão religiosa, mas que também tem um amplo alcance social na disputa pela memória do 13 do maio. Diz ela:

Reafirmo que a análise da reelaboração do passado não se limita a uma simples comemoração passiva do 13 de maio, mas trata da dinâmica em que os participantes, através de ritos e concepção de mundo, buscavam outra versão de suas expectativas. (MACHADO, 2009)

Nesta mesma configuração sugere caminhar a idealização da Festa dos Negros em Araci, não como uma simples festa comemorativa, mas que traz em si um pretexto para a população marginalizada socialmente que é a conquista de um espaço maior nessa sociedade. Pois, apesar de estar na década de 80 período em que o Brasil está se abrindo para o processo de redemocratização ainda é bastante latente o preconceito racial no país.

A população negra em Araci na pessoa do idealizador da Festa, Tinteiro que segundo as definições obtidas por entrevistas “um negro decidido, e que defendia a raça”,⁴ parece se incomodar com os lugares ocupados por essa parcela da população na sociedade araciense, que ainda mantém em sua estrutura oficial a ênfase na atuação da elite branca fundadora da cidade e em seus eventos.

Apesar do espaço temporal os festejos realizados pela população marginalizada contínua sendo um pretexto para a conquista de maiores espaços na sociedade, mesmo vivenciando o período democrático. Walter Fraga coloca que através das festas em comemoração ao banimento da escravidão no período pós-abolição, os egressos da escravidão procuravam mais que comemorar:

As evidências mostram que os egressos da escravidão da cidade não pretendiam aparecer apenas como meros figurantes da festa. [...] os eventos mostram que os libertos sabiam estar vivendo um momento especial, e as festas da abolição foram às primeiras manifestações públicas de que desejavam participar politicamente dos acontecimentos na condição de cidadãos livres. (FRAGA, 2006, p.126)

⁴ Concepção defendida por Luiz Santana, bem como Benício por meio das entrevistas.

Assim, ao mesmo tempo em que o atual organizador da Festa Cobeu, como também Luiz Santana afirmam que a mesma não acarreta um sentido político. A criação e manutenção desta caracterizam um mecanismo de manifestação pública de anseio por participação numa sociedade que desde os primeiros períodos republicanos criou diferentes meios de afastar essa parcela da população da vida pública.

Na música composta por Cobeu em homenagem ao idealizador da Festa, Tinteiro⁵, transparece um entendimento diferente daquele explicitado na música em homenagem à *Princesa Isabel*, na qual a atuação das camadas populares e dos negros é negada no processo abolicionista. Na música *13 de Maio* o comando da Festa é relegado ao “amigo Tinteiro”. Esta perspectiva dá outra conotação à memória histórica de Araci, visibilizando a atuação de outros sujeitos na história local. E mais ainda dá outra versão sobre a memória da abolição colocando em ênfase a participação do negro no processo de sua emancipação política, na pessoa de Tinteiro negando o caráter de dádiva da Lei Áurea.

13 de maio
 13 de maio, Araci está em festa
 Quem comandava era nosso amigo Tinteiro.
 Tinteiro pede nunca deixe de fazer
 13 de maio, em Araci bota pra derreter
 Dança preto, dança branco, dança roxo
 Dança mulato, dança todo esse povão.
 13 de maio aqui em Araci
 É a melhor festa da região.
 É, é auê vamos saudar Tinteiro que era amigo do povão
 É, é auê ele fazia 13 de maio com
 Amor no coração.

Autores como Walter Fraga (2006), Ana Rita (2009) e Maria Clementina (2001) discutem como o espaço cultural se constituiu lugar privilegiado de negociação das camadas populares. Deste modo, o entendimento explicitado pela letra da música, o espaço cultural proporcionado por Tinteiro era de todos “Dança preto, dança branco, dança roxo, dança mulato, dança todo esse povão,” em contraposição a outros espaços que na visão da música eram ocupados por poucos.

Neste sentido a Festa dos Negros enquanto prática cultural de um grupo de sanfoneiros negros, desde sua criação pode ter se constituído em um pretexto no âmbito local pela busca de

⁵ Música composta por Cobeu em 1998, para homenagear Tinteiro.

maior visibilidade desse setor da população, no anseio por maior participação num espaço social que ainda era restrito. Esse entendimento também é pertinente ao *Bembé do Mercado* em Santo Amaro na análise de Ana Rita Machado, apesar da inexistência do elemento do Candomblé na Festa dos Negros em Araci. Segundo essa autora:

[...] o questionamento da memória oficial deu-se por meio de práticas culturais, na perspectiva de subverter os padrões normativos que pretendiam discipliná-los, interditando a realização das práticas culturais que os identificavam. Essas práticas culturais utilizadas pelos atores tinham o intuito de articular uma lógica social com o objetivo de construir maiores possibilidades de participação no espaço social. (MACHADO, 2009, cap.1)

Prontamente, manifestar a sua existência através da prática cultural na Festa dos Negros em Araci estabelece um questionamento da memória oficial. No sentido que questiona e afirma a atuação de outros grupos na história local. Evidencia também uma procura por maior participação social de uma parcela da população que não foi considerada pela memória oficial.

Apesar de todo empenho empregado pelos setores dominantes em afastar os negros do processo abolicionista, estudos historiográficos recentes comprovam que os negros estavam cientes do momento vivido e mais ainda, participaram e comemoraram através de festas a liberdade conquistada.

Conforme artigo de Rodrigo Muniz Nogueira (2008), as festas vivenciadas pelos escravos e seus descendentes representaram diferentes fins, sentidos e resultados no universo social do Brasil entre os séculos XIX e XX. A partir e em torno delas diversas linguagens puderam ser tecidas como pretextos e possibilidades. E essas formas de comemorações foram vistas por diferentes setores com ressalvas e preconceitos.

Em Araci os discursos preconceituosos não estão explícitos pelo ponto de vista racial, talvez pela condenação moral que isso acarretaria no momento vivido. Os discursos críticos e as ressalvas estão destinados à Festa enquanto popular relativo aos participantes e ambiente. Por a Festa desde o início ser realizada no mercado municipal. Fato que segundo um dos entrevistados “incomodava, porque não era um lugar adequado”. Logo a Festa dos Negros tornou-se alvo de comentários maldosos. De acordo com o mesmo entrevistado “as pessoas que faziam críticas iam mais à Festa por curiosidade, o povão mesmo é quem mais se divertia.”⁶

⁶ Concepção explicitada em entrevista por José Benício, em 14.06.2011. Participante da Festa.

A crítica recai ainda sobre a ausência de benefício do evento para a comunidade. É o que indaga o repórter da *Folha dos Municípios* opinando sobre o impasse de datas na realização da Festa, que coincidiu com outro evento festivo na cidade.

O que mais nos angústia é notar que muito dinheiro foi queimado indevidamente, a festa em si não beneficia ninguém, ao contrário traz males a comunidade, dar oportunidade ao jovem a se envolverem com o mundo das drogas e do crime. Quando Léo e os organizadores da Festa dos Negros entraram em atrito por causa do espaço e das datas, ninguém se prontificou a oferecer um pouco do seu dia para realizar uma atividade comunitária, uma ação religiosa. Não, a fome por festa é maior que a dor do estômago. (Folha dos Municípios 15 de maio de 2011)

É comum entre os historiadores a idéia de que as celebrações negras até a primeira metade do século XIX sempre foram encaradas pela classe dominante de maneira dual: havia o medo de quem acreditava que as mesmas pudessem evoluir para rebeliões escravas, outros argumentavam que seriam momentos para diminuir as tensões sociais. Para Reis (2002) o direito a festa era resultado da pressão escrava, um símbolo da negociação, resistência e afirmação negro-escravo.

Em Araci a Festa dos Negros se configura em um espaço que a presença afro-descendente no âmbito oficial é muito pouco destacada, no sentido de contribuição para construção da atual sociedade. Os feitos memoriais da constituição do Município estão centrados na atuação da família instituidora branca, pouco se sabendo a respeito de outros atores sociais como os escravos e seus descendentes. Embora essas aparências e atuações estejam presentes no conhecimento de memorialistas, como também em diversos vestígios.

Atualmente a atuação da população negra de Araci ainda é pouco visualizada, mesmo com todas as discussões políticas existente no âmbito nacional. Na década de 80 devia ser ainda menos expressiva a ocupação de espaços por essa parcela da sociedade. Nesse sentido, a Festa dos Negros se configura como um símbolo de afirmação frente a uma coletividade que trazendo em seus discursos a irmanação das raças anula a atuação presente e ativa dos afro-descendentes

nessa comunidade. É o que se observa no discurso do jornal *Folha dos Municípios* que traz a seguinte enunciação:

Para o mulato “Tinteiro” a festa criada por ele era o elo que faltava na família araciense. Gerações cuja raiz se encontra no sangue azul dos descendentes portugueses do descobridor capitão José Ferreira e gerações que surgiram dos acasalamentos dos filhos dos senhorios com os filhos dos serviçais de pele negra e sangue afro de seus ancestrais⁷.

Se para o jornal em seu discurso fraternalista a Festa era o “elo” que faltava para unir a sociedade araciense. Na visão do seu idealizador parecia despontar como uma afirmação a mais, que a simples conquista de participar da sociedade araciense “família”, obtida através do acasalamento. Podendo ser o terreno cultural o lugar utilizado para imprimir maior visibilidade.

Por serem as festas realizadas pelos negros um assunto complexo no Brasil, tanto no período colonial como no imperial pelo medo que as batucadas suscitavam, no século XIX procurou-se proibir essas festividades através de posturas municipais e editais de policia. Reis (2002) coloca que no período Imperial associado a essa proibição estava além do medo de subversões, o obstáculo que essas festas representavam para europeização dos costumes no Brasil. “A festa africana representava uma ameaça ao projeto de uma Bahia civilizada à maneira européia, além de ameaçar uma Bahia escravista bem real.” (REIS, 2002, p.129)

Em Araci, ao contrário da postura adotada pelo governo Imperial a realização da Festa jamais encontrou repressão por parte do poder governamental, mesmo porque no período de sua criação o Brasil caminhava para a redemocratização, posteriormente consolidada. Logo se tem um contexto político adverso do analisado por Reis, apesar disso se observa que as formas de aproximação dos festejos culturais continuam sendo um espaço simbólico de negociação e afirmação.

Também no regime democrático em que está inserida a Festa dos Negros em Araci, percebe-se na realização do evento um símbolo de interesses políticos. Isto se constata por meio das entrevistas e de um vídeo ⁸em que aparecem as estreitas relações entre o criador da Festa e uma figura política local, laços estes mantidos sob organização de Cobeu mesmo depois do falecimento de Tinteiro. De acordo com a declaração de Luiz Santana, “Sentiu resistência para se

⁷ Folha dos Municípios edição 75 maio de 2011.

⁸ Vídeo cedido por particular

aproximar da Festa quando era Secretário de Cultura.”⁹ em 2007. Isto porque segundo ele representava o grupo político adversário do organizador da Festa, Cobeu. Segundo Luiz essa aproximação tinha um cunho de interesse político.

Essa disputa de jogo político entre grupos rivais fica explícito no registro da *Folha dos Municípios* em 15 de maio, diz o mesmo:

Pelo rádio, pela internet, nas ruas e nas rodas de amigos o único papo era, ou ainda, é sobre festa do aniversariante Léo e a transferência da tradicional festa dos negros do último sábado (14) para o próximo dia 21.

Até agora apenas barulho, confusões esmagamento de personalidades de pessoas que se dizem cidadãos (a) e políticos de Araci. Nessa briga de gato e cachorro, de que manda ou desmanda na cidade ficam a mercê aqueles que humildemente vivem sem tomar a parte da política suja e incrédula que querem implantar em Araci.¹⁰

Logo, se percebe que a ocorrência das festas continua sendo um terreno simbólico no sistema democrático. Pela disputa do espaço político explicitado na reportagem acima, observa-se que a concretização da Festa dos Negros não é um evento neutro para a comunidade política local. Pelo contrário, os grupos políticos procuram se aproximarem da mesma a fim de se projetarem politicamente.

A bandeira defendida pela República de civilizar a nação pelos padrões europeus aparece em diversos discursos de agentes republicanos os quais se viam como homens de ciência e redentores da nação. Wlamyra Albuquerque (2009) discute a maneira preconceituosa com que líderes abolicionistas a exemplo de Rui Barbosa viam a atuação dos negros na sociedade, de acordo a essa visão os negros encontravam-se incapazes de exercer a cidadania. Estendendo esse entendimento também para a configuração com que essas elites intelectuais viam as celebrações dos negros para comemorar a liberdade.

No artigo *As festas negras pela Abolição. Sambas, batuques e jongos no 13 de maio (1888-1898)* Matheus Serva Pereira (2010), discute como as formas de festejos dos negros eram vistos por intelectuais e jornalistas com uma mistura de melodrama e preconceitos característico do pensamento republicano. Para estes, essas comemorações estavam infestadas de gestos

⁹ Entrevista com Luiz Santana, em 08.06.2011. Coordenador do Centro de Cultura de Araci.

¹⁰ Reportagem extraída da *Folha dos Municípios* 15 de maio de 2011

grosseiros. Os africanos com suas festas e costumes apareciam como bárbaros e selvagens ao olhar daquela sociedade conservadora.

Essas opiniões emitidas por intelectuais em relação às festas realizadas por negros expressam também a percepção de que estes festejos não possuíam um sentido ou um entendimento intelectual do qual o acontecimento era digno. Este desconforto também se fez presente nas festas pela Independência da Bahia. Como coloca Albuquerque (1999), as autoridades incomodavam-se com as diversas formas do povo e especificamente dos negros comemorarem a Independência da Bahia, cheios de muitas algazaras, que segundo as opiniões de autoridades não combinava com a solenidade adequada à comemoração.

No mesmo estudo citado, Matheus Serva Pereira discute que a “boa sociedade”, festejou o advento da abolição diferente dos quilombolas de Santos, estes tinham muito mais “entusiasmo” e barulho. Pois, para quem deixa de ser propriedade, valia muito mais a alegria e a dança do que uma celebração solene como desejavam as elites.

Esta maneira da elite intelectual ver as manifestações e comemorações populares, vazia de significado, aparece no discurso expresso pelo Secretário de Cultura de Araci. Para ele, o evento realizado com o nome Festa dos Negros, apesar de já fazer parte da tradição cultural da cidade, não agrega um sentido cultural. De acordo ao secretário de Cultura Gidalti, “A Festa é vazia culturalmente, quero mudar a cara da Festa, focar mais na cultura afro, acabar só com a bebedeira.”¹¹

Este desejo explicitado pelo Secretário de Cultura Gidalti Moura em seu discurso de mudança no perfil da Festa, de moldar a mesma de acordo aos padrões da cultura reconhecida, pode se comparar ao mesmo desejo da elite, intelectuais e autoridades republicanas com relação às festas promovidas por negros no período pós-abolição. Pois, de acordo as concepções de ambos essas festas não representam e ferem o modelo de civilização e progresso que gostariam de propagar.

O que o Secretário de Cultura espera ver enquanto manifestação negra são os elementos característicos e consagrados pela tradição brasileira como identidade cultural negra. Personificados no candomblé, capoeira, samba de roda, hip-hop, entre outros. Segundo o mesmo Secretário:

¹¹ Entrevista com Gidalti Moura em 12.07.2011. Secretário de Cultura. Luiz Santana do mesmo modo, explicita a mesma opinião.

A Festa não preenche essa identidade cultural, são apenas folguedos, cantorias até de madrugada, para celebrar. Constituindo hoje, uma festa qualquer, não tendo muita importância para o Município. Aspecto que espero mudar, para ter um retorno cultural.

Esta opinião do Secretário pode estar assentada na ausência de consideração que o mesmo dá ao período e contexto em que a Festa foi criada, nem também as condições que os organizadores tinham para realizar a mesma. Podendo ser esta, um elemento que este setor da população tentou utilizar para interferir no espaço social do Município.

É o que se percebe na fala de Luiz Santana, discorrendo sobre o contexto em que a Festa fora iniciada:

Na época de seu Tinteiro tinha uma coisa mais natural. Ele era um negro. Tinha uma tendência de defender a si próprio e a sua Festa, e a questão da data [...] Ele era politizado consciente [...]. Falava muito do espaço dos negros em Araci, dentro da sociedade de Araci. Reclamava da ausência de espaço para que os negros pudesse se apresentar nesta data. Ganhar espaço para se apresentar, ele e o grupo dele “Diabos Loiros”. Ele queria essa festa justamente pra se apresentar, ele e o grupo dele. Um espaço garantido como negro, para ter visibilidade, a garantia da promoção dele, que em outras datas não tinha. Então a Festa dos negros nasce para ter um espaço dos negros no município de Araci. Uma defesa de querer fazer parte da sociedade. O desejo de mostrar a musicalidade.¹²

Walter Fraga (2006), falando sobre a falta de entendimento dos ex-senhores com relação às festas realizadas por ex-escravos no Recôncavo Baiano nos dias seguintes ao 13 de maio, ressalta que com uma análise mais apurada desses festejos, pode revelar sentimentos e expectativas dos ex-escravos em relação à nova condição de livre. Discute o autor:

De qualquer forma, aquele foi um momento marcante, em que os ex-escravos tentaram aprofundar as transformações nas relações cotidianas de poder, dentro e fora das propriedades. Aos olhos dos ex-senhores, as reações dos libertos não passavam de atos despropositados, frutos da “embriaguez” e dos entusiasmos. (FRAGA, 2006. P.128-9)

¹² Entrevista com Luiz Santana, em 08.06.2011. Coordenador do Centro de Cultura de Araci.

Apesar de vivenciar um momento político diferente do analisado por Fraga Filho, pode-se examinar pelos discursos citados que a busca por espaço e visibilidade, no contexto da criação da Festa dos Negros em Araci na década de 80, foi o fator movedor. Seja por projeção artística, comemoração ou busca por um espaço político e social permanece uma procura por um ambiente de se mostrar frente a uma sociedade que há tempos possui seus lugares marcados, mesmo que simbolicamente.

CAPÍTULO 2 - FESTAS DOS NEGROS: CONCEPÇÕES E SENTIDOS

2.1 A representação de Tinteiro e identidade negra

Durante muito tempo o termo cultura foi empregado unicamente no sentido iluminista, ou seja, referindo-se às chamadas expressões superiores do espírito humano como a arte, a literatura, a música. Hoje, porém, o termo cultura compreende as ações e noções subjacentes à vida cotidiana. Constitui um termo amplo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes, além de outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

A Festa dos Negros idealizada por Joaquim Cruz, conhecido em todo Araci e região como “Tinteiro” começou a ser realizada desde 1987. Dessa data em diante, a Festa tornou-se um evento que se repete todo ano, considerada pela população local como tradicional.

Entretanto, apesar da Festa já acontecer há 24 anos e ser nomeada Festa dos Negros, a mesma não é vista por um amplo setor da sociedade local como uma manifestação de identidade cultural, nem um elemento de resistência e de identificação negra, por a mesma não conter elementos que nas suas visões simbolizam a cultura negra. Deste modo, a finalidade deste capítulo é analisar algumas visões locais relativas à Festa.

Sendo assim, serão analisados os discursos oficiais sobre a Festa, através de entrevistas e cartazes produzidos pela Secretária de Cultura, a visão do organizador, participantes, e setores ligados a cultura, as letras de músicas, bem como notícias jornalísticas relacionadas à Festa.

Busca-se perceber os diferentes significados que esses grupos atribuem à existência da Festa no Município de Araci. Numa aproximação com a análise que Wlamyra de Albuquerque (1999) propõe para o dois de julho na Bahia. A autora discute as várias faces das comemorações do Dois de Julho principalmente entre 1889 e 1923, período em que o evento assumiu um sentido político especial. Conforme seu exame em torno da comemoração do 2 de julho, os baianos “podiam construir, divulgar, confrontar e/ou assimilar leituras e projetos diversos para o seu mundo social”(ALBURQUERQUE, 1990, p.25). Acrescenta ainda, que as festas pertencem aos contextos sociais que as comemoram e produzem, impondo seus próprios impulsos e cores.

Dessa forma, a Festa dos Negros, mesmo tendo um contexto e um objeto de comemoração diverso do analisado por Wlamyra no 2 de julho, também apresenta possibilidades variadas de

compreensão, evidenciadas pelos diferentes discursos que se tem na sociedade araciense a respeito da mesma. Contudo têm que se levar em consideração também os variados sentidos e momentos que contornou a Festa desde sua criação.

Mônica Pimenta Velloso (1990) no artigo: *As tias baianas tomam conta do pedaço; Espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro*, aborda sobre territorialidade cultural. A mesma faz um resgate da memória dos negros baianos na “cidade moderna”, mostrando o processo de construção de sua identidade, e com isso os conflitos, ambigüidades e absorções sofridas pelo grupo na dinâmica cultural.

Velloso coloca que a associação entre espaço e identidade cultural, não foi somente uma elaboração ideológica de um projeto nacional para criar o mito da nação. Também os grupos marginalizados tomaram esta idéia de espaço como referência. “E brigando por este espaço, estes grupos, estavam brigando para terem reconhecida sua própria existência” (VELLOSO, 1990, p.207). Assim, segundo a autora a idéia de conquista território está estritamente ligada à questão da identidade.

Mesmo, se tratando de um contexto adverso dos primeiros períodos republicanos, onde o Rio de Janeiro passa por reformas no intuito de tornar-se uma cidade idealizada e neste espaço a população negra e pobre não possui um lugar arquitetado, conquistando-o através da cultura. Em Araci, na década de 80 essa busca por um espaço na sociedade por meio da cultura, ainda era um meio utilizado por aqueles que no processo de emancipação ficaram de fora da vida pública tradicional. É o que coloca Luiz Santana, coordenador do Centro de Cultura da Araci, em seu depoimento falando sobre o contexto em que a Festa foi criada, e do empenho de Tinteiro, seu idealizador para fazê-la.¹³

Na época de Seu Tinteiro tinha uma coisa mais natural. Porque ele era um negro, ele tinha uma tendência de defender a... si próprio e a sua Festa, e a questão da data, então essas coisas não aconteciam tanto. Cobeu...

Ele era politizado, era mais consciente. Lembro muito bem nas rodas em que ele tocava geralmente ele tocava muito com a sanfona dele em bares, eu lembro que ele tocava no bar de Justino, tocava muito. Fazia aquela rodinha no bar de Justino e aí naquela época ele realmente tinha essa consciência. Lembro quando ele tocava, tocava musicas da tendência negra, tocava com consciência, falava muito dessa conscientização do espaço dos negros na cultura local de Araci, do

¹³ Constituiu-se opção metodológica, interferir na linguagem das entrevistas citadas no presente trabalho, no intuito de deixar mais claro a idéia passada pela fonte. Contudo, não há prejuízo às opiniões defendidas por seus autores.

espaço dos negros nas festas de Araci, do espaço dos negros dentro da sociedade de Araci.¹⁴

Essa iniciativa do grupo de sanfoneiros negros de se inserirem na sociedade, explicitada na fala de Luiz Santana, talvez seja o desejo daqueles que na esfera local, ficaram a margem da memória oficial local em termos de participação. Já que na memória histórica de Araci se consolidou a atuação da família fundadora e sua linhagem. Os fatos posteriores sejam eles, políticos, religiosos, econômicos, culturais e sociais se deram a partir da família de José Ferreira de Carvalho, ficando os outros grupos à margem desta visão consolidada, fato que ainda hoje se mantém. E que possivelmente tenha impulsionado Tinteiro e os organizadores da Festa em se fazerem notáveis na história local, através de um evento cultural conquistando um espaço e através dele se mantendo pela arte.

Ante as manobras realizadas por diferentes governos desde a República na intenção de afastar as camadas populares do cenário político e social, o campo cultural foi o caminho encontrado por esse setor para se inserir na sociedade, talvez o único espaço possível onde pudessem manter e remodelar identidades e participação. Vários autores discutem este processo de inserção. Maria Clementina (2001), fala sobre o carnaval no Rio de Janeiro, assim como Mônica Pimenta Velloso (1990) trata sobre como as tias baianas conseguiram através de suas identidades culturais se inserirem no espaço do Rio de Janeiro. De tal modo a pesquisadora diz:

Historicamente, uma das características da comunidade negra tem sido sua capacidade subterrânea de resistência. [...] Raras foram às vezes em que o grupo entrou em contato direto com o poder, preferindo, ao invés aproveitar os interstícios e brechas para fazer valer a sua influencia. Distante do Estado, a comunidade teve que recorrer a seus próprios meios para impor-se. (VELLOSO, 1990. p.219)

Da perspectiva de uma inserção através de uma conquista atrativa, de uma identidade cultural, a Festa dos Negros em Araci mesmo não trazendo em si elementos e discursos de resistência e afirmação da identidade negra, conforme a visão do Secretário de cultura Gidalti, como também Luiz Santana Coordenador do Centro de Cultura, pode ter se constituído uma brecha para aquelas pessoas se inserirem na sociedade naquele momento. Conforme o primeiro,

¹⁴ Entrevista com Luiz Santana, em 08.06.2011. Coordenador do Centro de Cultura de Araci.

[...] Essa Festa na minha visão como Secretario de Cultura ela não atinge esse objetivo, não promove essa identidade cultural, já é uma tradição, um costume, mas não tem... identidade cultural, a raiz negra ...na cidade, isso é o que mim preocupa e tenho...lutado pra vê se consigo modificar Mesmo trazendo o nome Festa dos Negros, ela não traz essa cultura, ela não preenche...essa identidade cultural...grupos ligados a negritude, que fale de hip-hop, que fale de samba de roda, que fale do negro. E a gente nota que é apenas... Festa dos Negros, para celebrar. Não promove... cultura, isso é...minha preocupação. (Gidalti 12.07.2011)

Para o segundo,

A festa da Festa dos Negros ela é a mesmice assim, porque existe um grande equívoco no raciocínio que realmente é uma Festa apenas para dançar, para tocar e dançar, realmente assim como outras festas em Araci. Não existe um diferencial porque é Festa dos Negros assim, na questão de conscientização, a questão de... politização, na questão até mesmo da defesa da liberdade dos negros. Existe apenas uma festa como um romantismo onde as bandas tocam as pessoas dançam, mas não existe nada mais, além disso. (Luiz Santana 08.06.2011)

Talvez, as visões sinônimas de Gidalti e Luiz Santana de não perceberem na Festa um sentido identitário seja por ela não apresentar determinados elementos identificados como identidade cultural negra. Essa visão pode está atrelada à noção consagrada pela memória nacional do que seria a cultura negra. Algo que segundo Velloso (1990) constitui um sério equívoco. Defende a autora:

[...] Ainda mais entre nós, onde a extrema diversidade cultural favorece a coexistência de várias espacialidades e temporalidades (APUD 1977, Matta.). É necessário, portanto, resgatar essa pluralidade de sentidos presente nas diferentes codificações culturais, com o objetivo de reconstruir identidades silenciadas pela tão controversa “memória nacional”.

Quando se trata da memória negra, o problema é ainda mais complexo. [...] Assim, o mundo negro é tratado como um agregado monolítico onde a categoria da marginalidade acaba explicando tudo. No entanto há diferenças e especificidades de papéis no interior dessa cultura. (VELLOSO, 1990. p.224)

Conforme a discussão proposta por Velloso (1990), além da consagrada memória nacional, no Brasil há uma grande pluralidade cultural promovida pelo tempo em diferentes espaços, os quais produziram sentidos culturais específicos. Estas especificidades culturais no processo de construção da identidade nacional foram silenciadas ou desconsideradas frente às

consagradas hegemonicamente como sendo a identidade nacional e o que seria a cultura negra no Brasil. Nesta perspectiva, não é levada em consideração as especificidades dos lugares e nem as reelaborações culturais promovidas pelo tempo e pelos espaços, logo, é imprescindível a percepção do caráter multifacetado que envolve a cultura e seu constante movimento.

Nessa configuração pode-se compreender que Cobeu mesmo não trazendo em seu discurso uma defesa política das raízes negras, mas de sua musicalidade, de seu espaço para se apresentar, poderia representar também o esforço em não deixar sucumbir sua identidade cultural representada pelo forró pé de serra, como diz “coisa nordestina”. Sua identificação nordestina e negra do interior o qual resiste para manter um espaço frente às demais manifestações culturais, conforme defende o mesmo:

[...] É o forró pé de serra, forró pé de serra mesmo, com certeza. É uma coisa cultural daqui da região mesmo que a gente toca. Coisa nordestina sabe?

[...] eu peço que não tenha ritmo de arrocha, nem pagode, esses negócios. Já no início da Festa que a gente vai fazer a Festa que vem que a gente vê as, as bandas que vai tocar eu já peço o pessoal, quem vai tocar, eu falo o Mario direto: “Mário bota sempre forró.” E sempre todos os anos continuam tocando assim, o repertório da gente é forró.

É, porque é uma Festa tradicional, é uma coisa cultural. E é esse negócio da cultura, é mais esse negocio. É, é forró arrasta pé, estas coisas, e a gente gosta. Coisa com Luiz Gonzaga, Trio Nordestino, tal, esses negócios essa coisa, Ademario Coelho, essa coisas a gente valoriza.¹⁵

Assim, é necessário questionar a visão uniforme dos elementos que compõem a cultura e a identidade negra a qual ficou centrada, sobretudo nas práticas das regiões litorâneas do País. Pois essa visão não atenta para as diferenças e especificidades culturais desenvolvidas e reelaboradas em regiões e lugares diferentes, a exemplo do interior baiano que traz contornos diferenciados do apresentado pelo litoral e consagrados pela memória nacional.

A defesa explicitada por Cobeu, relativa à sua arte, às suas raízes sertanejas, parece ser a mesma evidenciada pelos artistas apresentados na Série *Bahia Singular e Plural*, com o grupo: *Quixabeira- da roça a indústria cultural (1998)*. Nesta produção, na qual o Município de Araci

¹⁵ Entrevista com Otacílio, Cobeu em 12.03. 2011. Cobeu é o atual organizador da Festa, tem 51 anos e morador da zona rural na Fazenda Pé de Serra, trabalhador rural e artista.

está incluído, a TVE registra o universo da música rural popular e, nos depoimentos dos seus participantes lavradores-cantadores o discurso de defesa da arte rural, de raiz nordestina frente à cultura massificada da globalização e da mídia se faz presente. Como salienta Stuart Hall (2003), a globalização causa um efeito de deslocamento sobre as identidades culturais, um enfraquecimento das identificações. (HALL, 2003, p.73). O mesmo autor afirma ao abordar as características do sujeito pós-moderno, que este “[...] assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.” (HALL, 2004, 13). Assim, o mesmo sujeito age e identifica-se diferente dependendo do ambiente onde está inserido.

Mesmo não tendo em si elementos e discursos da defesa e afirmação da cultura negra conforme o modelo hegemônico, até porque seguramente o interior da Bahia guarda especificidades quanto à idéia do que seriam suas raízes culturais negras. A Festa dos Negros em Araci, diante dos discursos apresentados tanto pelo seu organizador Cobeu, como Gidalti e Luiz Santana, carrega em si a defesa de seus organizadores de um espaço para se apresentar e mostrar sua arte, frente à massificação da cultura, na tentativa de preservar suas raízes e tradições culturais, por vezes ignoradas pela indústria cultural.

Essa concepção de Cobeu de defender um espaço para apresentar sua cultura, sua identidade, é algo inerente também aos artistas populares do *Grupo Quixabeira Pro Berço do Rio*, na série documentário Bahia Singular e Plural: *Quixabeira – Da roça a indústria cultural (1998)*. Este grupo possui uma célula em Araci e em 1999 fez uma participação na Festa dos Negros. Através dos depoimentos no documentário, os lavradores-cantores expõem a forma que a cultura popular tem sobrevivido à massificação promovida pela mídia e, como o desconhecimento das raízes rurais dificulta a divulgação da cultura local aumentando o desprezo a esta manifestação cultural.

O valor desses documentários reside em mostrar o quanto a cultura do interior da Bahia é plural, logo, não pode ser comparada com outras manifestações culturais de significados diferentes, sobretudo as litorâneas, sem antes conhecer suas origens e significados para as pessoas que as promovem e o lugar onde se realiza.

Para Sandra Pelegrini (2008) a cultura é uma realidade de muitas faces, ambígua e é constantemente recriada. Sendo que por as práticas não seguirem os modelos normativos de cultura e identidade, não significa dizer que não o são. De acordo com essa autora, falando sobre a diversidade Cultural:

Nas últimas décadas, tais modelos normativos foram muito criticados, tanto do ponto de vista empírico como teórico. Em termos práticos, as pessoas não deixam de ser palmeirenses por não serem descendentes de italianos, nem se não souberem o hino do time, nem se pode afirmar que tais características sejam sequer majoritárias. Por outro lado, as normas que definem o pertencimento não foram estabelecidas por pesquisadores após um estudo de todos os membros de uma coletividade. Além disso, todo grupo humano está em constante mudança. [...] As pessoas possuem múltiplas representações, elas se comportam de diferentes maneiras em diversos contextos, em constante mutação. As noções de norma e desvio variam em um mesmo grupo humano e até para o mesmo indivíduo. “Os pertencimentos são múltiplos também.” (PELEGRINI, 2008.p.24)

Desse modo, fica claro que não se pode ter para todos os espaços o mesmo modelo de identidade cultural, já que cada lugar traz especificidades e diferenciações longe de serem homogêneas. E em Araci esta diversidade se faz presente, acima de tudo pela diversidade vivenciada por seus agentes.

De acordo ao discutido anteriormente o espaço informal, ancorado, sobretudo na cultura, foi utilizado pela população marginalizada para se impor e conquistar um lugar na sociedade nos primeiros anos republicanos. Mesmo porque a República criou diferenciações, significando na prática uma igualdade política e social, apenas para a classe média branca, e a elite agrária, ficando os demais segmentos à margem dessa atuação de participação igualitária. Realidade que também se refletiu em Araci, haja vista que a Festa em questão tem seu embrião desenvolvido em espaços socioculturais de bares e feiras, lugares estes de constantes relações de identidades, interesses e vínculos.

Velloso (1990), discutindo sobre identidade e cultura no Rio de Janeiro, afirma que a circularidade cultural imanadas especialmente de lugares iletrados, onde se estabelece relações de solidariedades, interesses, e identidades, tanto pessoais como cultural, tornou-se um terreno propício, para se interferir na vida política e social daquela sociedade. Esta característica, apesar da diferença de período, pode ser vista na Festa dos Negros em Araci. Ana Rita Machado (2009), tratando sobre as relações estabelecidas no espaço do mercado em Santo Amaro, analisa:

[...] As atitudes de Besouro não foram atitudes isoladas, uma vez que esclarece como as relações entre grupos distintos eram cotidianamente reelaboradas no espaço da rua. O mercado, enquanto espaço de sociabilidade era

compreendido também como território de demarcação das desigualdades. (MACHADO, 2009)

Como o Bembé no Mercado em Santo Amaro analisado por Ana Rita Machado (2009), em Araci, o espaço onde ocorre a Festa dos Negros é o mercado municipal da cidade. Diferente do Bembé, a escolha não se deu por se tratar de um lugar de práticas religiosas e de trabalho de seus participantes. Em Araci, a escolha ocorreu segundo Cobeu, por se tratar de um lugar de encontros de amigos e a existência de bares próximos onde os mesmos tocavam. Sobre a escolha do espaço, Cobeu declara:

Na primeira vez iniciou naquele bar ali onde á a Mamota. Aquilo era um bar. Ali ele disse: “Hoje vou tocar sanfona e comemorara o dia dos negros, hoje aqui”. Ai quando foi no ano seguinte já virou em festa. A gente já tocou. [...] daí a todos os anos foi lá no Mercado. A gente só faz lá porque a Festa nasceu lá, foi lá e ai agora faz direto lá na Praça do Mercado.¹⁶

Apesar disso, a escolha do espaço do mercado municipal para a realização da Festa, não deixa de revelar as desigualdades sociais e as diferenças culturais existentes na sociedade araciense. Alessandra Carvalho da Cruz (2006), discutindo sobre a ação do samba na cidade de Salvador entre 1937-1954, fala sobre a importância do Mercado Modelo, segundo a autora um lugar de autonomia da cultura popular. Vários outros autores discutem o valor dos espaços públicos para as camadas populares, esses ambientes funcionam como espaços de sociabilidades, assim como também mostram as contradições da sociedade a qual acontece.

Assim, ao ocupar o espaço do mercado municipal para realizar a Festa, Tinteiro e seu grupo de sanfoneiros “Diabos loiros”, colocaram na Festa suas vivencias do cotidiano, de relações culturais e sociais. E ao escolher uma data e local específico para se apresentarem, garantiram um lugar de visibilidade para mostrarem suas identidades de nordestino e negro, numa sociedade local que marginalizava essas identificações. Falando sobre Tinteiro, e suas concepções, Luiz Santana diz que:

¹⁶ Idem pg. 15

Ele era politizado, ele era mais consciente. Lembro muito bem nas rodas em que ele tocava geralmente ele tocava muito com a sanfona dele em bares, eu lembro que ele tocava no bar de Justino, tocava muito. Fazia aquela rodinha no bar de Justino e aí naquela época ele realmente tinha essa consciência. Lembro quando ele tocava, ele tocava musicas da tendência negra, ele tocava com consciência, ele falava muito dessa conscientização do espaço dos negros na cultura local de Araci, do espaço dos negros nas festas de Araci [...] ¹⁷

Deste modo, os bares ao redor do mercado municipal constituíram no momento da criação da Festa um espaço de sociabilidades reunidas através da cultura daqueles que a promoveram. Com a mesma configuração, Velloso (1990), fala sobre a abertura de comunicação entre as classes sociais proporcionadas pela cultura emanada das casas das Tias baianas no Rio de Janeiro do primeiro período republicano.

[...] a cultura, freqüentemente, acaba se constituindo em grande pólo agregador e canal eficiente de sociabilidade. Daí a importância de que se revestem os eventos culturais e as festas, atraindo a participação de diferentes grupos sociais. É nesse espaço que vão se intercambiar idéias e valores, através de estruturas de comunicação informal. (VELLOSO, 1990.p.222)

Essa reflexão de Velloso, em considerar o espaço cultural um canal agregador de sociabilidades se aplica apesar da diferença do momento histórico, ao contexto da Festa dos Negros em Araci, pois, a mesma não constitui somente em evento festivo, mas também é uma maneira encontrada por seus organizadores de participarem da sociedade, estreitando as relações entre os diversos grupos que a compõe.

Em *O samba na roda* (2006), Alessandra Carvalho expõe o entendimento do sambista Chocolate, que diz ter encontrado no samba um caminho para ser alguém, pra ser respeitado:

Foi a partir daí que eu conheci esse personagem grande da minha vida chamado Camafeu de Oxossi. Que me ensinou muitas coisas, não só como tocar um instrumento musical, nem música. Mas de experiência de vida, de como um negro podia se afirmar pelos seus valores e ele era uma pessoa convicta de que ele era um grande. (APUD, 2006. Entrevista com Chocolate da Bahia concedida a Alessandra Carvalho da Cruz em 08-07-2005. P.88-89)

¹⁷ Idem pg.14

Deste modo, se percebe na Festa em foco, um grande número de discursos em homenagem a pessoa de Tinteiro, tanto nos jornais, como nas entrevistas, e cartazes. Nota-se, em tais discursos grande saudosismos e tributos à memória do mesmo. O que levanta a questão se o sentido contido na mesma não seria um tributo a sua memória.

Os cartazes de divulgação da Festa, elaborados pela Secretária de cultura trazem continuamente em sua programação, o destaque para a homenagem a Tinteiro, idealizador da Festa. Como se observa no discurso vinculado pelo cartaz em 2008.¹⁸

**Festa Tradicional
dos Negros 2008**

Data: 17 de Maio de 2008 As: 20h
Local: Mercado de Farinha - Araci

Atrações:

COBEU Mário
e o Forró & CIA
Pé de Serra

Organização
Cobeu e João

Apoio
PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACI
GOVERNO ARACI PARA TODOS

Secretaria Municipal de Cultura - Esporte e Turismo
ARACI-BA

Rádio Comunitária
Polícia Militar e Civil
Guarda Municipal
Comércio Local
Câmara de Vereadores

Foto 1: Cartaz de Divulgação da Festa Tradicional dos Negros em 2008. Araci-Ba

¹⁸ Cartaz de divulgação da Festa em 2008, cedido pelo Centro de Cultural de Araci.

O jornal mensal *Folha dos Municípios* em 22 de maio de 2011 apresenta a mesma concepção relativa ao do evento, expressando:

Oito dias depois da primeira data programada a tradicional festa dos negros realizou a sua vigésima quarta edição no local costumeiro, no mercado da farinha. A festa que começou com o saudoso Tinteiro, hoje é comandada pelo cidadão Cobeu, que vem realizando a festa, mantendo a tradição com apoio da prefeitura e dos amigos. (*Folha dos Municípios* em 22 de maio de 2011)

Em outro cartaz, de 2007, a Festa é apresentada expressamente, como um tributo à recordação de Joaquim Cruz “Tinteiro”, e é representada da seguinte maneira:¹⁹

Festa dos Negros 2007

Organização

Cobeu e João

Homenageando TINTEIRO

Data: 12 de Maio de 2007 As: 20h

Local: Mercado de Farinha - Araci

Atrações:

Mário
& CIA

COBEU

e o Forró
Pé de Serra



Apoio





Comerciantes
de Araci

Toinho Som

“ O Homem forte é aquele
que não é esquecido nem
pelos seus, nem pelos outros”

Foto 2: Cartaz de Divulgação da Festa Tradicional dos Negros em 2007. Araci-Ba

¹⁹ Cartaz de divulgação da Festa em 2007, cedido pelo Centro de Cultura de Araci

O sentimento de gratidão, reconhecimento do talento, iniciativa e prestígio de Tinteiro parece ser o ponto mais forte que une as concepções do organizador da Festa Cobeu, e os demais segmentos da sociedade araciense. Talvez essa visão esteja ligada a sua atuação em defesa de sua arte como sanfoneiro e negro, e a forma como defendeu essas identidades. Além disso, talvez a defesa que fez dessas identidades num contexto de marginalização das mesmas reúne e representa o anseio de considerável parcela da população local que se percebiam representados. Falando sobre a atuação do mesmo na memória do Município de Araci, Luiz Santana alega:

É assim, eu até fiz na época um material, uma propaganda em homenagem a Tinteiro quando eu era secretário de Cultura. Quando tive uma intervenção pequena dentro da Festa. Eu fiz uma homenagem a ele, no sentido de agradecer porque ele tinha faltado há dois anos, tinha falecido. Eu quis realmente agradecer a participação dele dentro da cultura do Município Araci.

Assim a intervenção de Tinteiro ela é super importante, é o único fato concreto, concreto mesmo dentro dessa conjuntura de a Festa ser apenas um oba-oba. Mas é o único fato concreto que se tem no Município de Araci que defende os negros, não existe outra movimentação, não existe outra articulação, não existe outra proposta que não seja a de Tinteiro. Mesmo sendo em defesa apenas da música, da festa, mas é o único ato a única pessoa que começou esse único ato de realmente mexer nessa questão dos negros dentro do Município de Araci não se tem outra, nem nas escolas, se tem conhecimento de que se promoveu atos, algum movimento em função da defesa dos negros. [...].

Então relembrar Tinteiro, falar de Tinteiro isso é uma obrigação de qualquer pessoa que se mobilize em função disso, mesmo julgando da forma que eu julgo. O ato da Festa, o ato de Tinteiro ser apenas a defesa da musicalidade, e não da defesa da classe negra, da conjuntura da História negra. [...] ²⁰

Apesar de não perceber um sentido mais amplo na Festa do que a arte, Luiz Santana reconhece em seu discurso que a atuação de Tinteiro foi e se mantém importante para Araci. E esse reconhecimento seria fruto de sua iniciativa em levantar a questão do negro na sociedade local. Neste sentido, a ação de Tinteiro em nomear sua festa como Festa dos Negros, forneceu representação para uma parcela da sociedade que ainda não tinha sido representada por nenhuma outra iniciativa. Ainda que sua mobilização não tenha sido nos moldes políticos reconhecidos de

²⁰ Idem pg. 14.

movimentação e discursos direcionados à categoria, mas através da musicalidade ela não deixou de ser um marco considerável para a sociedade local.

2.2 A leitura dos Jornais

Considerando os jornais como produtos sociais que trazem alguns vestígios de como se articulam e se produzem as memórias sociais, conforme discute Lilia Shwarcz (1986), é que serão tomadas algumas análises jornalísticas sobre a comemoração dos 13 de maio ocorridos no Brasil, a fim de comparar com as reportagens vinculadas no jornal *Folha dos Municípios* em Araci, quando traz a Festa dos Negros como notícia.

O jornal mensal *Folha dos Municípios* próprio da cidade de Araci e com circulação regional, desde 25 de dezembro de 2001 com nome *A Folha de Araci* traz em sua pauta variados assuntos como política, esporte, cultura entre outros. Em dez anos de existência noticiou variados eventos culturais realizados na cidade, principalmente ligados às manifestações religiosas e eventos culturais assentados na vinculação ou promoção política, a exemplo de desfiles cívicos, e Festa de Reis. Que apesar de ter suas origens e características na herança africana, na cidade está vinculada a interesses político partidário. No entanto, em se tratando da Festa dos Negros apenas três vezes vinculou registro tendo a mesma como objeto de notícia respectivamente em, uma vez em 2010 e duas em 2011.

Falando sobre a inexpressividade nos jornais da época em São Paulo de festas promovidas por negros para celebrar o fim do cativeiro, apesar de vários indicativos dessa ação, Matheus Pereira em *festas negras pela abolição* (2010). Explana:

Porém, dificilmente os festejos realizados pelos próprios libertos e homens de cor aparecem nas notícias da grande imprensa paulista que abordam as festas pela abolição. As referências são sempre dispersas e muito pequenas. (PEREIRA, 2010, p.2)

Esta inexpressividade de notícias em jornais de eventos produzidos por negros para comemorar a abolição, pode estar atrelada ao desejo de submergir o feito da Monarquia conforme coloca Walter Filho (2006), ou como diz Serva (2010) por estas estarem distante do modelo de

civilização e progresso aspirado. A última concepção parece mover a visão de alguns jornalistas araciense, mesmo não havendo um discurso claro a essa consideração.

Neste sentido Matheus Serva (2010) discutindo a ausência de notificação de festas realizadas por negros nos jornais, defende que a vontade de ofuscar qualquer evento em comemoração ao 13 de maio que não tivesse sido promovido pela “boa sociedade”, foi impulsionando pelo obstáculo que estas festas representavam para o modelo de civilização e progresso que a “boa sociedade” e intelectuais gostariam de propagar.

Essa idéia parece nortear o discurso do Secretário de Cultura de Araci, também jornalista e editor do jornal *Folha dos Municípios* quando diz: “Quero mudar a cara da Festa, focar mais na cultura afro, acabar com a bebedeira”. Este discurso pode estar relacionado na visão do Secretário à falta de sentido na Festa, ou à distância que a mesma tem dos ideais de organização e cultura aspirados pelo mesmo.

Deste modo, em maio de 2010 o jornal *Folha dos Municípios* traz a seguinte reportagem:

23ª Festa dos Negros homenageia Joaquim Cruz o “Tinteiro”.

Idealizada por Joaquim Cruz conhecido em todo Araci e região como “Tinteiro” a Festa dos Negros começou a ser realizada desde de 1987. Desta data em diante, a Festa tornou-se um ponto de cultura popular acontecendo todos os anos na Praça do Mercado com apoio de amigos do comercio lojistas. Joaquim Cruz seu idealizador, durante 11 anos promovia uma noite de negritude araciense quando todos os descendentes das raízes afros se congratulavam para passarem momentos de integração das castas cujos sangues se misturaram irmanando numa só etnia.

Para o mulato Tinteiro a Festa criada por ele era o elo que faltava na família araciense. Gerações cuja raiz se encontra no sangue azul dos descendentes portugueses do descobridor José Ferreira e gerações que surgiram dos acasalamentos dos filhos dos senhorios com os filhos dos serviçais de pele negra e sangue afro de seus ancestrais.²¹

Ainda que a reportagem apresentada pelo jornal tenha um discurso de exaltação e valorização à negritude local, à cultura, aos organizadores, e ao seu idealizador Tinteiro. A ausência de mais registros em anos anteriores, em detrimento da evidencia de outros como a

²¹ Reportagem veiculada pela Folha dos Municípios edição 75 maio de 2010

Festa da Padroeira, datas cívicas, eventos sociais, pode revelar diferentes significados relacionados às festas populares.

Pode-se perceber na narrativa acima referente à Festa, que predomina a perspectiva de uma visão poética relativa à sociedade de Araci. Há um realce nos laços fraternais entre as “raças” apontando para um lugar sem conflitos socio-raciais, nem no presente, nem no passado como se ali nunca tivesse ocorrido conflitos. Sendo que a Festa seria o ponto culminante dessa congratulação. Neste sentido o jornal tende a apaziguar os possíveis conflitos que possam existir na sociedade araciense.

Falando sobre as interpretações dos jornais relativas à memória dos 13 de maio em Santo Amaro, Ana Rita Araújo (2009) coloca que os textos jornalísticos apresentaram o 13 de maio como a data marco da soberania nacional, cuja amplitude deste significado era a inserção do Brasil entre as nações civilizadas. Ressaltava-se a abolição como ato sublime da Princesa Isabel. Focando igualmente suas interpretações no sentido cristão da data, diluído deste modo as disputas políticas, realçando os laços fraternais entre as “raças”.

Em parte alguns aspectos dessas interpretações parecem predominar no discurso jornalístico em Araci. A idéia da fraternidade entre as raças na Festa dos Negros é um elemento preponderante na interpretação do jornal. Este discurso de congregação entre as raças veiculado pelo jornal da cidade, assim como analisa Machado (2009) dilui o campo de divergências sociais que pode existir na sociedade, anula as contradições presentes na mesma, pois a data comemorada e a Festa aparecem com uma noção de paz entre todos, sem distinção social ou racial. Conformando com o ideal de civilidade tão almejado nos primeiros períodos republicanos. E propagado por muito tempo no Brasil como motivo de orgulho sob a forma de democracia racial.

2.3 O olhar oficial e o extra-oficial

As concepções relativas à Festa dos Negros em Araci são divergentes. Para seu organizador Cobeu, é a defesa da tradição artística, e ao mesmo tempo uma homenagem ao amigo e idealizador Tinteiro. Neste item a manutenção da Festa caracteriza para o mesmo quase

como uma obrigação, conforme explicita na letra de sua música, “Quem comandava era nosso amigo Tinteiro. Tinteiro pede nunca deixe de fazer.”²²

O discurso oficial em Araci, relativo à Festa na pessoa do Secretário de Cultura Gidalti Moura, como também nos cartazes elaborados para a divulgação da Festa, passa-se a configuração de uma festa folclórica tradicional. Contudo agrega em si uma contradição no que diz respeito à dimensão política da Festa.

O cartaz de maio de 2011²³ apresenta a Festa como uma tradição que permanece. Traz em sua programação elementos que afirmam a cultura negra, como a apresentação, de roda de Capoeira com grupos locais, exibição de filme e uma homenagem a Tinteiro.



Foto 3: Cartaz de Divulgação da 24ª Festa dos Negros em 2011. Araci-Ba

²² Música *13 de maio* composta por Cobeu em 1998, em Homenagem a Tinteiro.

²³ Cartaz produzido pela Secretária de Cultura e Turismo em 2011, para divulgar da Festa.

Contudo, em seu depoimento o Secretário de Cultura Gidalti Moura, afirma que a mesma não tem nenhuma dimensão política de identidade, o que para o mesmo é motivo de preocupação. Fala Gidalti:

Então é exatamente isso que eu acabei de dizer. Ela acabou entrando para o calendário da cultura local e ainda não ultrapassou as fronteiras como uma festa importante para Araci. Mas tem sua importância para o calendário social,... Todos nós temos um sangue negro nas veias. ... A Festa tem importância. [...]

[...] essa Festa na minha visão como Secretário de Cultura ela não atinge esse objetivo, não promove essa identidade cultural. Já é uma tradição, um costume, mas não tem... a identidade cultural, a raiz negra... na cidade, isso é o que mim preocupa e tenho... lutado pra vê se consigo modificar Mesmo trazendo o nome Festa dos Negros, ela não traz essa cultura, ela não preenche...essa identidade cultural [...].

Talvez o empenho em colocar na elaboração e divulgação do cartaz elementos que afirmam a identidade negra, esteja o desejo do Secretário em trazer para a Festa o que ele considera como identidade cultural negra, que deveria ser defendida pelos seus organizadores. O que não acontece, conforme a opinião de Gidalti devido à dificuldade em “mudar mentalidades das pessoas.”²⁴

Para Luiz Santana,²⁵ os elementos da identidade cultural negra não se faz presente na Festa devido à falta de preparo cultural dos atuais organizadores, diz o mesmo:

[...] conheço muito bem Cobeu, conheço muito bem João e eu percebo que a defesa deles é apenas da musicalidade, é apenas do espaço pra se apresentar. Cobeu lembro muito bem já trabalhei com ele em outras épocas, inclusive quando fui Secretário, em outras épocas e eu como produtor do Judas muitas vezes. Eu também falava com ele de abrir espaço pra que essa cultura dele se apresentasse, mas a defesa deles é apenas a parte musical, botar a banda pra tocar e botar o pessoal pra dançar. Então não tem mais essa politização, a gente não ouve na parte de Cobeu, da parte de João, dos organizadores atuais essa preocupação da politização, da conscientização da cultura negra. Existe apenas a garantia de uma data em que eles se apresentam, na minha visão é isto. Então, os meninos aqui, não vou citá-los, mas até por uma questão cultural notória deles,

²⁴ Entrevista com Gidalti Moura em 12.07.2011. Secretário de Cultura.

²⁵ Luiz Santana é coordenador do Centro de Cultura no Município de Araci.

eles não foram até preparados pelo...pelo fundador da Festa pra defender essa, esta questão.²⁶

Então na visão oficial e também de pessoas ligadas à cultura em Araci a Festa dos Negros não agrega a identidade cultural negra, nem tampouco a promoção de outra identidade. Nas palavras do Secretário, “[...] Ela significa hoje para a Prefeitura... é mais um item... que a Prefeitura faz, como outras festas... de apoio como uma festa qualquer...”.²⁷Essa compreensão projetada pelo Secretário contrapõe a representação de Cobeu sobre a Festa, pois para o próprio, através do evento ele defende sua identidade cultural de nordestino, a qual é a expressão de sua origem, como também um lugar de projeção como negro, como evidencia a letra de sua música “13 de maio em Araci, é a melhor festa da região.”²⁸

Partindo do ponto de vista, que a cultura popular e os espaços sociais constituíram os ambientes onde a camada popular, a qual ficou à margem do poder no processo histórico brasileiro, puderam afirmar os valores de sua cultura, comunicar os elementos do seu cotidiano, como também se inserir na sociedade vivenciada. É o entendimento que se tem sobre para a Festa dos Negros em Araci.

Pois, mesmo não trazendo um discurso aberto de defesa do espaço e da identidade cultural negra, não se pode negar que essas identidades, ficam evidentes através da linguagem da arte e dos símbolos presentes no festejo. E quiçá quando Joaquim Cruz, o “Tinteiro” elegeu a festa como Festa dos Negros, estava defendendo além de sua identidade cultural artística como sanfoneiro, também a sua posição política, como negro naquela sociedade.

²⁶ Idem pg.14.

²⁷ Idem 11

²⁸ Idem 05

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho trouxe como principal finalidade analisar a Festa dos Negros no Município de Araci para tanto, algumas concepções e significados relativos à mesma foram pontos de partida na investigação dos sentidos contidos na Festa.

Desse modo, buscou-se fazer uma discussão relativa ao campo simbólico ocupado pelas festividades na historiografia. Constituindo os festejos e outras manifestações culturais, brechas em que a população marginalizada puderam se inserir e se afirmar na sociedade as quais aconteciam.

Procurou-se igualmente traçar em termos pontuais a história de Araci, objetivando contextualizar o espaço onde a Festa acontece, bem como mostrar de que forma se apresentou a presença negra no Município.

No caminho percorrido pela pesquisa, questionamentos e sentidos acerca da Festa apresentaram-se, fornecendo outros aspectos antes não pensados, como os modelos hegemônicos de identidade, cultura e resistência existentes no Brasil. Assim, procurou-se esclarecer as especificidades e reelaborações as quais a noção de cultura e identidade estão sujeitas a depender do tempo e do lugar.

Como qualquer outra sociedade plural, os sentidos atribuídos à Festa mostraram-se diversos. A compreensão oficial, da elite local e dos jornais é de uma festa vazia de sentido e significados, no entanto para os organizadores representa um meio de valorizar suas raízes e ter um espaço para festejar. Porém, em comum entre ambas visões está o sentimento de saudosismo e reconhecimento pelo então fundador da Festa Joaquim Cruz, o “Tinteiro”.

Sendo assim, a Festa dos Negros foi tomada como expressão sociocultural da sociedade araciense, pois a mesma constituiu e compõe um espaço de identidades culturais que mesmo marginalizadas, batalham por um espaço dentro do Município. E seus símbolos revelam as contradições socioculturais da sociedade a qual acontece.

Contudo, o presente trabalho não abrange todas as dimensões. Durante o desenvolvimento da pesquisa, novas questões foram apresentadas, permanecendo lacunas que se pretende preencher em posteriores investigações. Alguns aspectos e categorias não foram contemplados

na pesquisa ficando em aberto um amplo campo de análise e interpretações das expressões, lutas e identidades culturais presentes na festividade.

Uma lacuna a qual se pretende dar aprofundamento de investigação diz respeito às especificidades da dinâmica cultural no interior e mais precisamente em Araci. Do mesmo modo pretende-se ainda investigar mais profundamente como se deram as relações sociais e inter-raciais no Município. Enfim, o presente texto constitui um acréscimo para novas investigações sobre as festividades na sociedade araciense.

Fontes

1.0 Fontes orais

- Entrevista com Otacílio de Jesus (Cobeu), em 12.03. 2011. Organizador da Festa.
- Entrevista com Luiz Santana Carvalho, em 08.06.2011. Coordenador do Centro de Cultura de Araci.
- Entrevista com José Benicio da Silva, em 14. 06. 2011. Participante da Festa.
- Entrevista com Gidalti Oliveira Moura em 12.07.2011. Secretário de Cultura.
- Entrevista com Carlos Mota Carvalho, em 12 de maio de 2011. Memorialista oral da cidade 87 anos.

2.0 Escritas

➤ **Jornal**

Folha dos Municípios edição 75 maio de 2010

Folha dos Municípios 15 de maio de 2011

Folha dos Municípios 22 de maio de 2011

➤ **Músicas**

Princesa Isabel, composta por Cobeu em 1988

13 de Maio, composta por Cobeu em 1998

➤ **Cartazes**

Cartazes de divulgação dos anos de (2007, 2008 e 2011)

➤ **Audiovisual**

Vídeo cedido de particular

➤ **Fotos**

Cedidas pelo Centro de Cultura;

Centro Cultural de Araci.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Marta. *O Império do Divino – Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

ALBURQUERQUE, Wlamyra R. *Algazarra nas ruas*. Comemoração da Independência na Bahia (1889-1923), Campinas, Editora da Unicamp, 1999.

_____. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*; - São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ARAÚJO, Iara Nancy Rios. *Nossa Senhora da Conceição do Coité: poder e política no século XIX*. Dissertação de mestrado em História. Faculdade de Filosofia e ciências humanas. Salvador, Universidade Federal da Bahia, a2003.

ARAÚJO, Silvera Vieira de. *História social e história cultural e suas influencias na produção historiográfica sobre as cidades*. PPGH/UFMG. Disponível em: www.anpuhpb.org.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 2008.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados, o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987

_____. *A formação das Almas*. O Imaginário da República no Brasil. Cia das Letras. São Paulo, 1995

CHALOUB, Sidney. *Visões da Liberdade*. São Paulo, Cia das Letras, 2003

CUNHA, Maria Clementina pereira. *Ecos da Folia: uma historia social do carnaval carioca entre 1880 e 1920 – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.*

_____. Cunha, Maria Clementina Pereira (org). *Carnavais e outras f(r)estas*. Campinas, São Paulo: ed. Unicamp, 2002.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourrette*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

DEL PRIORE, Mary Lucy. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

FRAGA, Walter Filho, *Encruzilhadas da Liberdade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

FERLINI, Vera Lucia Amaral. Folgedos, Feiras e Feriados: aspectos socioeconômicos das festas no mundo dos engenhos. In *Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa*. Volume II. JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (Orgs.). – São Paulo: Hucitec, 2001. (Coleção Estante USP - Brasil 500 Anos; v.3).

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo, Cia. das Letras, 1987

Guimarães. Antonio Sergio Alfredo. *A República: utopia de branco, medo de negro*. Departamento de Sociologia da USP. (2010)

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A. 2003. 7ª ed.

IRDEB/TVE/ Bahia. *Quixabeira – Da roça a indústria cultural*. Outubro 1998. Secretaria de Educação. –Vídeo-

IRDEB/TVE/ Bahia. *Bahia singular e plural- As burrinhas da Bahia*. Agosto de 1999. –vídeo documentário.

LACERDA, Ana Paula Carvalho Trabuco. *Caminhos da Liberdade: a escravidão em Serrinha-Bahia (1868-1888)*. Dissertação de mestrado em História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008.

LAZARRI, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer*. Carnaval em Porto Alegre (1870-1915). Campinas/SP: Editora da UNICAMP/CECULT, 2001.

LIMA, Maura Mota Carvalho. *Historia de Araci (Período de 1812 a 1956)*. Salvador, Empresa Gráfica da Bahia, 1985

MACHADO, Ana Rita Araújo. *Bembé do Largo do Mercado: Memória sobre o 13 de maio: FFCH*. Dissertação de mestre em Estudos Étnicos e Africanos. Universidade do Estado da Bahia, Salvador-Ba. 2009.

MATTOS, Hebe. *Os combates da memória: escravidão e liberdade nos arquivos orais de descendentes de escravos brasileiros*. Tempo, Niterói. 1998

NOGUEIRA, Rodrigo Muniz Ferreira. A festa negra na Bahia: do medo à apoteose, *Cultur-Revista de Cultura e Turismo*, ano 02-n. 01-jan/ 2008. Disponível em: WWW. Uesc. BR/revistas/culturaeturismo.

PELEGRINI, Sandra C.A. *O que é patrimônio cultural imaterial/ Sandra C. A. Pelegrini, Pedro Paulo A. funari- São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção primeiros passos; 331)*

PEREIRA. Matheus Serva: *As Festas negras pela Abolição*. Sambas, batuques e jongos no 13 de maio (1888-1898), 2010.

REIS, João Jose. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, v. 28, 1995.
_____. *Tambores e temores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX*.
In: Cunha, Maria Clementina Pereira (org). *Carnavais e outras f(r)estas*. Campinas, São Paulo:
ed. Unicamp, 2002.

SCHWARZ, Lilia Moritz. *Imagens de negros: a imprensa paulistana no final do século XIX, e como através de suas páginas, os brancos viam os negros*. Campinas: Cia das Letras 1986.

SILVA, Ana Nery Fátima Carvalho. *História de Araci em quadrinhos*. 2009. Araci.

SOIHET, Rachel. Festa da Penha: resistência e interpenetração cultural. In: Cunha, Maria Clementina Pereira (org). *Carnavais e outras f(r)estas*. Campinas, São Paulo: ed. Unicamp, 2002.

TELES, Adriana Silva. *Presença negra na festa de Santana (1930-1950)*. Monografia. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana: 2000

THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária: A árvore da liberdade*. 2º ed. Tradução Tradução Denise Bottmann, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

WALTER, Fraga Filho. *Encruzilhadas da Liberdade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, 368p

VELLOSO. Mônica Pimenta. *As tias baianas tomam conta do pedaço; Espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro*. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.3. 1990, p.207-22